economia

Parque Eólico de Osório celebra 20 anos de operação

Complexo transformou economia e identidade da região, e é referência no setor

/ ENERGIA

Gabriel Margonar, de Osório
gabrielm@jcrs.com.br

TÂNIA MEINERZ/JC



Empreendimento pioneiro teve investimento de cerca de R$ 675 milhões

Às margens das rodovias que cortam o Litoral Norte, as enormes torres brancas do Complexo Eólico de Osório já fazem parte da paisagem. Para quem passa pela região, os aerogeradores se tornaram tão familiares que é difícil imaginar como era o cenário antes de sua instalação. Há 20 anos, porém, aquelas estruturas representavam uma novidade para o Brasil e uma aposta cercada de incertezas.

Duas décadas depois, o empreendimento que ajudou a abrir caminho para a energia eólica no País chega a um novo capítulo de sua história: projetado originalmente para funcionar por 20 anos, agora tem expectativa de continuar produzindo eletricidade por pelo menos mais 16. Inaugurado em 2006, o complexo foi um dos primeiros empreendimentos eólicos de grande porte do Brasil. Começou com 75 aerogeradores e 150 megawatts (MW) de potência instalada. Atualmente, reúne 148 turbinas, com capacidade de 317,9 MW, distribuídas entre Osório e Palmares do Sul.

A expansão acompanhou o crescimento da geração eólica no País, mas o legado do empreendimento vai além dos números. Ele ajudou a transformar a relação da cidade com os ventos, movimentou a economia local e demonstrou a viabilidade de uma fonte de energia que ainda dava seus primeiros passos no mercado brasileiro.

A história foi celebrada no dia 28 de outubro, em solenidade promovida pela Statkraft, atual responsável pelo empreendimento.

Se hoje os aerogeradores são parte da identidade de Osório, no início dos anos 2000 a possibilidade de transformar os ventos da região em eletricidade despertava curiosidade e desconfiança. A tecnologia ainda era pouco conhecida no Brasil, e instalar dezenas de torres gigantes em propriedades rurais parecia uma ideia distante da realidade local.

Antes de o projeto avançar, foram necessários anos de estudos para avaliar as condições dos ventos. Primeiro presidente da Ventos do Sul Energia, empresa responsável pela implantação original do complexo, Telmo Magadan lembra que o investimento foi de aproximadamente R$ 675 milhões. Desse valor, R$ 465 milhões vieram de financiamentos, com participação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e de instituições repassadoras. O restante foi aportado pelos investidores.

O projeto se tornou referência na modalidade de financiamento conhecida como p*roject finance*, em que a viabilidade do crédito está associada à capacidade de geração de receitas do próprio empreendimento. Também esteve entre os primeiros grandes projetos eólicos submetidos ao processo de licenciamento ambiental no Estado. "Passamos por toda a saga do pioneirismo", resume Magadan, que participou da estruturação do negócio ao lado do grupo espanhol Elecnor, acionista majoritário na época.

De uma aposta incerta a símbolo de desenvolvimento no Litoral

A escolha por Osório não ocorreu apenas pela intensidade dos ventos. Segundo Telmo Magadan, a proximidade das linhas de transmissão, as boas condições de acesso e a localização relativamente próxima dos centros consumidores foram determinantes para a viabilidade econômica.

"Não adianta ter ventos extraordinários se o empreendimento estiver a centenas de quilômetros de uma linha de transmissão ou em uma região de difícil acesso", observa.

O município também teve participação direta na articulação para receber o parque. Romildo Bolzan, que era prefeito quando o projeto começou a ser viabilizado e voltou a ocupar o cargo atualmente, recorda que procurou Magadan apenas dois dias depois de vencer a eleição municipal de 2004.

Naquele momento, Osório disputava a preferência dos investidores com outras regiões. Bolzan afirma que colocou a estrutura da prefeitura à disposição e se comprometeu a oferecer condições para viabilizar o investimento.

Quando a decisão pela instalação foi tomada, a administração municipal cedeu uma sala dentro da própria prefeitura para o primeiro escritório da empresa. Foi ali que começaram a ser organizados cronogramas, contratações e os preparativos para o canteiro de obras.

O empreendimento nasceu no âmbito do Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa), criado pelo governo federal.

Na configuração original, reunia 75 aerogeradores de 2 MW cada, que somavam 150 MW. Em 2006, o projeto era apresentado como o maior parque eólico da América Latina e figurava entre os maiores do mundo.

Com o passar dos anos, novas etapas de expansão elevaram a capacidade de geração. Hoje, são 75 turbinas de 2 MW e outras 73 de 2,3 MW, totalizando 317,9 MW. Desde 2024, o empreendimento está sob controle da norueguesa Statkraft.

Para Osório, os efeitos ultrapassaram a construção das torres. Durante as obras, o município registrou maior movimentação econômica e arrecadação de Imposto sobre Serviços (ISS). Com o início da operação, a geração de energia passou a contribuir para a formação do valor adicionado utilizado no cálculo do retorno do ICMS.

Segundo Bolzan, as quatro empresas que integram o complexo representam hoje o grupo econômico com maior contribuição individual para o valor adicionado municipal.

A estimativa do prefeito é de que respondam por aproximadamente 40% da composição local desse indicador, o que demonstra a importância do empreendimento para as finanças públicas.

A transformação também foi cultural. Conhecida historicamente pela intensidade dos ventos, Osório nem sempre enxergou nessa característica uma vantagem. Pelo contrário: as rajadas fortes eram frequentemente associadas a destelhamentos e prejuízos.

A chegada do parque ajudou a mudar essa percepção. Em 2005, a cidade passou a adotar o lema "Osório, Cidade dos Bons Ventos", incorporando à própria identidade uma característica que antes era motivo de preocupação.

"Antes, os ventos eram praticamente amaldiçoados, porque eram muito fortes. Depois do parque, passaram a ser vistos como uma bênção. É o mesmo vento, com a mesma velocidade, mas agora é um vento abençoado", enfatiza Bolzan.

TÂNIA MEINERZ/ARQUIVO/JC



Primeiras obras de instalação do parque ocorreram em janeiro de 2006

Tecnologia e manutenção garantem longevidade

São justamente os avanços na operação e o trabalho de manutenção realizado ao longo das últimas duas décadas que permitem à Statkraft projetar uma vida útil maior para o parque eólico. Segundo o presidente da companhia no Brasil, Thiago Tomazzoli, a expectativa original era de 20 anos, prazo que foi ampliado para 36 anos de funcionamento após uma reavaliação das condições dos equipamentos.

"Quando esse parque entrou em operação, em 2006, ele foi concebido para ter uma vida útil de 20 anos. Mas, em virtude das tecnologias que empregamos na gestão da operação e da manutenção, além da qualidade dos serviços realizados, observamos que seria possível estender a vida útil do empreendimento por mais 16 anos", explica.

A perspectiva foi reforçada no início de 2026, quando a empresa renovou os contratos de comercialização de energia do complexo. A intenção é manter os aerogeradores originais funcionando durante, sem a necessidade de grandes investimentos adicionais em modernização, os chamados retrofits. Para chegar a esse resultado, a empresa aposta em uma rotina rigorosa de conservação. As turbinas passam por duas grandes etapas de manutenção preventiva ao longo do ano. A programação leva em consideração até mesmo o comportamento dos ventos. Outro elemento fundamental é o monitoramento remoto. De um centro de operações localizado em Florianópolis (SC), a Statkraft acompanha continuamente o desempenho dos aerogeradores. Os sensores permitem identificar alterações que indiquem desgaste ou falhas, possibilitando intervenções antes que os problemas provoquem paralisação das máquinas.

A experiência de Osório mostra, segundo Tomazzoli, que o investimento permanente em manutenção pode ser tão importante quanto a construção de novas estruturas. "Conseguir manter um ativo eólico em operação por tanto tempo e projetar sua continuidade exige muita disciplina operacional, equipe qualificada e um trabalho de manutenção extremamente cuidadoso."